

### A SEMANA – 163

John Gledson

Uma crônica cheia de “parênteses”, de pequenas anotações, políticas (o começo do fim da guerra federalista), literárias (outra poeta mulher, mais evidência do discreto feminismo do cronista), mais bate-boca no conselho municipal... Pairando sobre tudo, a falta de convicção na permanência da paz, nem tanto no Rio Grande do Sul, como no passado, presente e futuro. “A guerra é a mãe de todas as coisas”, é frase repetida, e fundamental, em *Esau e Jacó*. De passagem, também menciona o velho problema que tinha nos olhos, que o afetou ao longo da vida inteira.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 232-235.



## A SEMANA

14 de julho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Carne e paz foram as doações principais da semana.<sup>1</sup> A carne é municipal, a paz é federal, mas nem por isso são menos aprazíveis ao homem e ao cidadão, uma vez que a carne seja barata e a paz eterna. Eterna! Que paz há eterna neste mundo? A mesma paz dos túmulos é uma frase. Lá há guerra, – guerra no próprio homem, luta pela vida. Nem é raro ir cá de fora buscar o morto ao jazigo derradeiro para isto ou para aquilo,<sup>2</sup> como o célebre príncipe D. Pedro, que, uma vez rei, fez coroar o cadáver de D. Inês de Castro. O nosso João Caetano, quando queria dar alguma solenidade às representações da *Nova Castro*, anunciava que a tragédia acabaria com a cena da coroação.<sup>3</sup> Obtinha com isto mais uma ou duas centenas de mil-réis. Não ficava mais bela a tragédia; mas o espectador gostava tanto de prolongar a sua própria ilusão!

Paz e carne. Faz lembrar os jantares de S. Bartolomeu dos Mártires: vaca e riso.<sup>4</sup> Se com estas duas coisas o arcebispo não deixou de ser canonizado, esperemos que nos

---

<sup>1</sup> No dia 10 de julho, depois de vários dias de espera e de dúvida, parece que devido a razões secundárias, a Câmara Municipal aprovou um novo contrato para o fornecimento de carne para a cidade. Segundo o jornal, o contrato anterior, que em teoria dava liberdade aos criadores, de fato dava poder monopolístico aos três mais poderosos entre eles. “Neste contrato,” diz, “pela primeira vez fixa-se um limite máximo ao preço do gênero, e o preço é suscetível de baixar se o câmbio melhorar, como está melhorando.” Também nesta semana começava-se a falar da pacificação no Rio Grande do Sul. No dia 11, diz-se: “Sabemos que anteontem reuniram-se diversos chefes políticos, e, em conferência, resolveram sustentar a pacificação do Rio Grande do Sul. / Dentre os políticos presentes e que hipotecaram seu voto à pacificação, achava-se um que a condenara até há poucos dias.”

<sup>2</sup> Sem dúvida alguma Machado está se referindo de soslaio a alguns dos horrores da guerra federalista, onde cadáveres foram exumados, expostos e postumamente mutilados.

<sup>3</sup> A *Nova Castro* do português João Batista Gomes foi uma versão tardia, de estilo classicista, da história da “rainha depois de morta”, que teve muito sucesso no palco, inclusive no Rio de Janeiro, montada por João Caetano.

<sup>4</sup> São Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) na verdade é santo muito recente – virou venerável em 1845 e foi beatificado em 2001, e canonizado pelo papa Francisco em 2019. Por isso não entendo a frase “não deixou de ser canonizado”. Será que Machado achava que tinha virado santo? – mistério para o qual tento avançar uma explicação mais tarde nesta nota. Bispo português de Braga, tinha fama de “pai dos pobres”: também teve participação importante no Concílio de Trento.

As três palavrinhas, vaca e riso, escondem uma história curiosa, e, em alguns aspectos, ainda enigmática. Começa (ao que parece), na *Vida de dom frei Bartolomeu dos Mártires*, de Frei Luís de Sousa (a primeira

canonizem também. Nem creio que haja melhor caminho para o céu. Não nego as belezas do jejum, mas o céu fica tão longe, que um homem fraco pode cair na estrada, se não tiver alguma coisa no estômago. Que essa coisa seja barata, é o que presumo sair do ato da intendência; e basta isso para ter feito uma sessão útil.

Um dos intendentos pensa o contrário; acha que só se fizeram torneios oratórios. Foi o Sr. Honório Gurgel. Ao que retorquiu o Sr. Vieira Fazenda: “Começando pelos de V. Ex.” Replicou o Sr. Honório Gurgel: “Verdadeiros jogos florais, onde o Sr. Fazenda,

---

edição é de 1619), onde a expressão aparece no vol. 1, cap. 22. Conta-se que frei Bartolomeu, que era arcebispo em Braga, foi visitado pelo provincial de sua ordem (a de São Domingos), em companhia do bispo de São Tomé. O motivo dessa visita era verificar se eram corretos os boatos que corriam, de que frei Bartolomeu vivia muito miseravelmente. Diz frei Luís de Sousa: “À parcimônia chamavam escasseza; à ordem e registro e moderação do gasto, mera miséria; ao trabalho contínuo e santo, vileza e desautoridade; à humildade, baixaza e ânimo apoucado.” Os visitantes não confirmaram as suspeitas. Eis o parágrafo que trata da mesa: “Esperou a família toda que houvesse extremos no gasalhado de tais hóspedes, e houve todos os que se podiam desejar de amor e boa sombra, mas a mesa não saiu dos limites ordinários, **vaca e riso** (como dizia um velho honrado do bom tempo). Só um pouco de carneiro se acrescentou por festa, e, este, em uma só figura, quero dizer assado.” (p. 130, v. I, na edição Sá da Costa, de 1946 – negrito nosso)

Duas conclusões principais – a frase já era até certo ponto tradicional (o velho honrado “do bom tempo”), e, principalmente, não significava fartura, senão uma justa suficiência.

A próxima ocorrência que descobrimos – e uma possível fonte para Machado – é de *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, cuja primeira edição é de 1846, (no finalzinho do cap. 26): “Mas basta de vale, que é tarde. Olá! Venham as mulinhas, e montemos. Picar para Santarém, que no ínclito alcácer de el-rei D. Afonso Henriques nos espera um bom jantar amigo – e não é só a vaca e riso de Frei Bartolomeu dos Mártires, mas um verdadeiro jantar de amigo, muito menos austero e muito mais risonho.” Confirma-se aí que os jantares de frei Bartolomeu eram parcos, sem sinais de gula.

Na nossa crônica, parece ser este o sentido (o que não surpreende, sendo as *Viagens* uma das admirações de Machado). Entretanto, graças a uma tese sobre algumas crônicas de Bilac, vemos que a frase veio a ter outro sentido, quase oposto, o de comida abundante. Lê-se na dissertação de mestrado intitulada “As crônicas de Bilac nas revistas ilustradas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897)”, de Fernanda Munhão Martins Silvestre, apresentada na Faculdade de Letras de Assis (SP), dois trechos que citam a mesma expressão. A primeira, que citamos (e que não é de Bilac) é de *A Cigarra* de 25 de maio de 1895, uma “nota em que é noticiado um jantar em comemoração ao lançamento da obra *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo: ‘Fausto Cardoso, no último sábado, ofereceu a Aluísio Azevedo, em regozijo pela publicação do *Livro de uma sogra*, um banquete, no Globo. Jantaram ali, numa doce convivência, Aluísio, Machado de Assis, Ferreira de Araújo, Valentim Magalhães, Arthur Azevedo, Sousa Bandeira, José Veríssimo e mais alguns homens de espírito. No dizer de Sr. Bartolomeu dos Mártires, foi jantar de muita **vaca e riso**. Não houve brindes. Em compensação, houve crítica literária, anedotas, confidências e alegria a rodo. *A Cigarra* não pôde comparecer. Mas, ainda assim, agradecendo o convite que recebeu, envia daqui saudações ao festejado romancista.’” (negrito nosso)

Note-se, além da presença de Machado (que resenhará o romance de Aluísio na crônica de 29 de setembro), que era um “banquete”, o que parece que não combina com o significado original da frase (embora o aspecto social e artístico da reunião pareça importar mais que a comida). É interessante que se fale no “Sr.” Bartolomeu, evidente contrassenso, mas bem possivelmente erro dos compositores para S., abreviatura para São (como na crônica), e erro, que a crônica repete, pois o frade, como dissemos, ainda não era santo.

Curiosidade final. Há uma crônica de Drummond, intitulada “Mensagem”, em que ele menciona a expressão: está em *A bolsa e a vida*. Cito: “Entro em férias [era o final do ano]; mas antes, quero desejar a leitores e amigos as alegrias e suavidades a que o tempo convida, inclusive aquele ‘jantar de muita **vaca e riso**’, de que falava frei Bartolomeu dos Mártires, com botelhas do fino, do legítimo; e se isso não for possível, pelo menos bons sonhos.” (negrito nosso)

É curioso que, erradamente, Drummond atribui a frase a frei Bartolomeu, e sugere que se refere a um lauto jantar, esplêndido, abundante (o que não é o caso no texto de frei Luís de Sousa).

como sempre, brilhou pela sua facúndia.” E o Sr. Vieira Fazenda: “V. Ex. está continuando a tomar tempo ao conselho com longos discursos.”<sup>5</sup> É difícil crer que haja paz depois de tais remoques; mas se há leis que explicam tudo, alguma explicará este fenômeno. Pouco visto em legislação, prefiro crer que, se algum sangue correu depois daquilo, foi somente o da vaca aprovada e contratada.

Vaca e riso. Agora é o riso que se anuncia, por meio da pacificação do sul. A guerra é boa, e, dado que seja exato, como pensa um filósofo,<sup>6</sup> que ela é a mãe de todas as coisas,<sup>7</sup> preciso é que haja guerras, como há casamentos. A leitura de batalhas é agradável ao espírito. As proclamações napoleônicas, as descrições homéricas, as oitavas camonianas, lidas no gabinete, dão ideia do que será o próprio espetáculo no campo. A mais de um combatente ouvi contar as belezas trágicas da luta entre homens armados, e tenho acompanhado muita vez o jovem Fabrício del Dongo na batalha de Waterloo, levados ambos nós pela mão de Stendhal.<sup>8</sup> O destino trouxe-me a este campo quieto do gabinete, com saída para a rua do Ouvidor, de maneira que, se adoeci de um olho, não o perdi em combate, como sucedeu a Camões. Talvez por isso não componha iguais versos. Homero, que os perdeu ambos, deixou um grande modelo de arte.

Entre parêntesis, uma patricia nossa,<sup>9</sup> que não perdeu nenhum dos seus belos olhos de vinte e um anos, mostrou agora mesmo que se podem compor versos, sem quebra da beleza pessoal. Não é a primeira, decerto. A marquesa de Alorna já tinha provado a mesma coisa.<sup>10</sup> A Sévigné,<sup>11</sup> se não compôs versos, fez coisas que os merecem, e era bonita e mãe. Não cito outras, nem George Sand, que era bela, nem George Eliot, que era feia.<sup>12</sup> Francisca Júlia da Silva, a patricia nossa, se é certo o que nos conta João Ribeiro, no excelente prefácio dos *Mármore*s, já escrevia versos aos

---

<sup>5</sup> Esta briga no Conselho Municipal encontra-se na p. 3, col. 8, do *Jornal do Commercio* do dia 10 de julho (mesmo dia da aprovação do novo contrato para o fornecimento da carne [ver nota 1]). O Sr. Gurgel queria introduzir, de forma irregular, uma suspensão das leis referentes ao “recuo” dos prédios em ruas estreitas do centro da cidade, alegando que se perdera tempo em outras discussões menos importantes. Outros intendentess protestavam contra este procedimento.

<sup>6</sup> Esta vírgula, ausente na *Gazeta*, está nos textos de Mário de Alencar e Aurélio.

<sup>7</sup> Em *Esau e Jacó*, cap. XIV, Aires atribui esta frase a Empédocles. Na verdade, é do filósofo pré-socrático grego Heráclito de Éfeso (séc. 6 a 5 a.C.): é o fragmento 57 de *Da natureza*.

<sup>8</sup> As famosas cenas de Fabrice del Dongo na batalha de Waterloo, onde na verdade ele erra em busca de uma batalha, sem nunca ter a certeza de a ter encontrado, ocupam os Capítulos 3-5 de *La Chartreuse de Parme*, de Stendhal (Marie-Henri Beyle) (1783-1842).

<sup>9</sup> Esta vírgula, na *Gazeta*, está mal impressa. Talvez seja por isso que está ausente em Mário de Alencar. No texto de Aurélio, está presente, o que sem dúvida é a leitura correta.

<sup>10</sup> Leonor de Almeida Portugal, marquesa de Alorna (1750-1839), foi poeta portuguesa e pintora de renome.

<sup>11</sup> Marie de Rabutin-Chantal, marquesa de Sévigné (1626-1696), famosa pela sua correspondência, clássico da literatura francesa. Na *Gazeta*, em Mário de Alencar e Aurélio, está “Sevigné”.

<sup>12</sup> George Sand (Aurore Dupin) (1804-1874), romancista romântica francesa, muito popular no séc. XIX; George Eliot (Mary Anne Evans) (1819-1880), romancista inglesa de grande renome. Na *Gazeta*, em Mário de Alencar, e Aurélio, está “Elliot”.

quatorze anos.<sup>13</sup> Bem podia dizer, pelo estilo de Bernardim: “Menina e moça me levaram da casa de meus pais para longes terras...”<sup>14</sup> Essas terras são as da pura mitologia, as de Vênus talhada em mármore, as terras dos castelos medievais, para cantar diante deles e delas impassivelmente. *Musa impassível*, que é o título do último soneto do livro, melhor que tudo pinta esta moça insensível e fria. Essa impassibilidade será a própria natureza da poetisa, ou uma impressão literária? Eis o que nos dirá aos vinte e cinco anos ou aos trinta. Não nos sairá jamais uma das choramingas de outro tempo; mas aquele soneto da pág. 74, em que “a alma vive e a dor exulta, ambas unidas”, mostra que há nela uma corda de simpatia e outra de filosofia.

Outro parêntesis. A *Gazeta* noticiou que alguns habitantes da estação de Lima Duarte pediram ao presidente da Companhia Leopoldina a mudança do nome da localidade para o de Lindoia, agora que é o centenário de Basílio da Gama. Pela carta que me deram a ler, vejo que põem assim em andamento a ideia que me ocorreu há sete dias. Eu falei ao governo de Minas Gerais; mas os habitantes de Lima Duarte deram-se pressa em pedir para si a designação, e é de crer que sejam servidos. Ao que suponho, o presidente da Companhia é o Sr. conselheiro Paulino de Sousa, lido em coisas pátrias, que não negará tão pequeno favor a tão grande brasileiro. Demais, a história tem encontros misteriosos: o filho do visconde de Uruguai honrará assim o cantor do *Uruguai*.<sup>15</sup> É quase honrar-se a si próprio. Provenos que o lemos:

Serás lido, *Uruguai*. Cubra os meus olhos  
Embora um dia a escura noite eterna,  
Tu vive e goza a luz serena e pura;  
Vai aos bosques...

Fechados ambos os parêntesis, tornemos à paz anunciada. Também ela é útil, como a guerra, e tem a sua hora. O mundo romano dormia em paz algumas vezes. Venha a paz, uma vez que seja honrada e útil. Não falo por interesse pessoal. Como eu não saio a campo a combater, deixo-me nesta situação que o povo chama: “ver touros de palanque”. O poeta Lucrécio, mais profundamente, dizia que era doce, estando em terra,

---

<sup>13</sup> Francisca Júlia da Silva (1871-1920) foi poeta parnasiana, muito celebrada, inclusive por Olavo Bilac, quando saiu seu primeiro livro de poesias, *Mármore*. João Ribeiro, quando o soneto “Musa impassível” foi publicado em revista, recusou-se a acreditar que fosse de mulher. Depois, não só se convenceu, como escreveu o prefácio que Machado menciona. “Musa impassível” dá o tom do livro. Podemos citar os versos iniciais: “Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora, / Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!” A citação no texto é do poema “À noite”, que de fato está na p. 34 (e não 74) da primeira edição.

<sup>14</sup> São as palavras de abertura da novela, que ficou sendo conhecida como *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro (1482-1552).

<sup>15</sup> O conselheiro Paulino José Soares de Sousa (1834-1901), filho do importante político e diplomata Paulino Soares de Sousa, visconde de Uruguai (1808-1866), foi um dos políticos mais importantes dos últimos anos do Império, chefe do Partido Conservador, e último presidente do senado imperial. A Estrada de Ferro Leopoldina, uma das mais importantes do país, entrara em sérias dificuldades financeiras nos anos 90, e acabaria sendo vendida a uma companhia inglesa em 1898.

ver naufragar, etc.<sup>16</sup> O resto é sabido. Carne e paz: é muito para uma semana única. Vaca e riso: não é preciso mais para uma vida inteira, – salvo o que mais vale e não cabe na crônica.



---

<sup>16</sup> Palavras de *De rerum naturae*, de Lucrécio (c. 99-c. 55 a.C) (II, v. 1-4), citadas mais de uma vez por Machado (por isso talvez o “etc.”). “Suave mari magno”, as palavras iniciais, são o título de um poema seu de 1880.